

COMO QUISERMOS GOSTAR DA VIDA

Porque gostamos de cidades? O que gostamos nas cidades? Porque é que as cidades nos atraem? E, por outro lado, o que nos desgosta nelas? O que nos desagrada no modo como continuam a crescer e a evoluir? O que poderemos fazer para continuar a gostar das cidades? De viver nas cidades?

Em primeiro lugar, sobressai a evidência da cidade ser um território colectivo, um território conformado para a possibilidade da vida em comum. Muitas pessoas diferentes compartilhando, dividindo, usando uma enorme estrutura construída em conjunto. Uma estrutura antiga, com as suas sucessivas alterações ancoradas na história que define, rodeia e marca as nossas próprias histórias pessoais; as nossas histórias imprevisivelmente misturadas com as diferentes histórias dos outros; a história das cidades construída com este somatório imenso sobreposto de tantas diferentes cronologias e origens.

Tudo o que for feito para prolongar este equilíbrio (equilíbrio em que simultaneamente nos respeitamos e às nossas diferenças — é esse o sentido da palavra *urbanidade* —), encontrando espaços de liberdade para tentarmos ser quem verdadeiramente gostaríamos de ser, tudo o que puder amplificar este quadro de oportunidades múltiplas, será bem vindo.

Por outro lado, todos os mecanismos que gerem exclusão, que nos façam, a uns, mais cidadãos que a outros, todas as tentativas de roubar à cidade a polivalência que a define e caracteriza, colocando-a, ou partes dela, ao serviço de uma única classe, idade, raça, sexualidade, profissão, religião ou cultura, não têm ca-

bimento neste projecto — o projecto da vida colectiva —, se nele quisermos continuar a acreditar.

•

Entre os modos sucessivamente mais individualistas que têm vindo a ser, subliminarmente, apostos ao comportamento das sociedades contemporâneas, estão alguns que se servem da tecnologia (e sem pretender negar a evolução técnica, talvez devêssemos questionar mais criticamente os usos que pretendemos dela, as mudanças que queremos que nos ajude a introduzir), parecendo reagir frontalmente à vivência comunitária que a cidade propõe.

Poder-se-ia responder que alguns desses mecanismos mais individualistas surgiriam como uma espécie de «defesa», como resposta à massificação, à excessiva simplificação que a crescente complexidade mecânica, contraditoriamente, gerou.



Haveria, então, uma série de situações em que cada um de nós pareceria poder «construir» o seu próprio devir, «escolher» e controlar o curso dos vários acontecimentos, não «dependendo» de ninguém.

O indivíduo resguardar-se-ia da excessiva homogeneização que a cidade produzisse, encontrando, nas diversas operações que pudesse «comandar», um alinhamento possível para o reencontro com uma liberdade pessoal que uma organização progressivamente mais uniforme lhe negasse.

Defendo que não. Esses mecanismos são, do meu ponto de vista, também, subfenómenos resultantes da massificação que aposta numa espécie de ilusório «poder de decisão» fornecido aos indivíduos que se posicionam, assim mais sozinhos e, portanto, mais vulneráveis, à influência da ideologia, da publicidade e do consumo.

Na balança que pudéssemos construir de algumas ofertas funcionais, económicas, culturais ou de «lazer», disponíveis nas sociedades ocidentais contemporâneas, poderíamos ensaiar fazer correr, lado a lado e sem grande hierarquia, dois grandes grupos:

+ colectivo

Feiras _____
 Arraiais _____
 Teatro _____
 Jornais _____
 Cinema _____
 Rádio _____
 Televisão _____
 Festivais de Música _____
 Estádios e pavilhões desportivos _____
 Ruas _____
 Comboios _____
 Transporte público _____
 Habitação colectiva _____
 Restaurantes _____
 mercearias _____
 Bisca _____
 Praias _____

+ isolado

Centros comerciais
 Discotecas
 Telenovela
 Blogues
Home cinema
Ipod
 Vídeo
Dvd
 Transmissões televisivas
 Estradas
 Auto-estradas
 Transporte privado
 Habitação unifamiliar isolada
 Cursos de cozinha
 Supermercados
 Consolas de jogos
 Piscinas privadas

O primeiro grupo reúne «modos» mais colectivos e o segundo, «modos» mais solitários, ainda que, nalguns casos saibamos que corresponderão a um alargamento dos auditórios — a uma democratização do acesso — que a tecnologia também possibilita. Implicam sempre, no entanto, um progressivo afastamento dos prazeres da cidade (é o caso das diversas transmissões televisivas, da ópera ao futebol, do teatro ao cinema, do ciclismo aos concertos).

Nenhum «modo», em princípio, excluiria o anterior. Seriam coisas «outras», sabemo-lo. No entanto, o somatório exclusivo das diversas fracções derivadas encosta-nos a uma recusa cada vez maior dos outros, do contributo dos outros; isola-nos, força-nos, empurra-nos para uma «independência» que nega, ou pretende substituir, cada vez mais, a hipótese da solidariedade, da vivência junta, da inteligente concorrência para objectivos mais comuns ou generalizáveis. Excita egoísmos, promove o afastamento, conduz ao oposto de um equilíbrio colectivo.

Há, na substituição *directa* de um meio pelo outro, uma espécie de «lavagem», de higienização, que recorre a uma diminuição sucessiva da necessidade de «contacto» entre o indivíduo que «consume» e o grupo que produz, possibilita ou executa o bem, o artefacto, o serviço, a oferta.

O primeiro conjunto de situações, dizendo respeito à *cidade*, toca zonas de convívio, cruzamento de pessoas, mais extenso e complexo.

Do segundo, diz-se que exige maior *participação* mas, na sua aparente recusa em aceitar as grandes conquistas de um sistema que recorre à divisão do trabalho (cada um contribuindo para vários *todos* que a *todos* servem), e no progressivamente menor grau de sobreposição e simultaneidade com a fruição dos outros — menores, portanto, as hipóteses de discussão, partilha, análise colectiva, debate que as situações mais «isoladas» vão propondo —, abandona, indiscutivelmente, cada um à «sua sorte», a um «arbítrio» mais solitário e imaturo porque cada vez mais isolado da comprovação e do conflito.¹

•

Em *The uses of disorder*, Richard Sennet (1970) chama-nos a atenção para uma organização urbana contemporânea que visaria, precisamente, erradicar os *conflitos* sociais pelo sucessivo isolamento a que acomodaria os cidadãos; cidades menos densas, mais programadas, zonadas, divididas em partes funcional, so-

cial, étnica e economicamente «coerentes», tentando evitar todo o tipo de misturas e encontros no sentido de promover a «harmonia» e poupar-nos aos confrontos e às negociações — por vezes duras — que o viver comunitário pressupõe.

O planeamento «moderno» seria, para este sociólogo, uma tentativa, por vezes pueril, outras bem sucedida, de tentar anular a complexidade da vida. Como na adolescência, os homens controlariam as ameaças, eliminando «a possibilidade de experimentarem a surpresa».²

•

O cineasta americano Darryl Zanuck, num comentário para o *Hollywood reporter*, «distingue entre recreio [*recreation*] — uma actividade na qual participamos — e entretenimento [*entertainment*] — qualquer coisa que outros nos providenciam».³

Pareceria, então, que as actividades mais isoladas, ou que não exigem a presença dos *outros*, seriam aquelas em que «participamos», sendo as que nos são providenciadas, aquelas em que seríamos *apenas* espectadores. Penso, no entanto, que será ao contrário; as actividades em que supostamente somos mais activos e independentes são aquelas, precisamente, perante as quais estaremos mais desguarnecidos: coleciono as músicas que já conheço, vejo os Dvd que copiei, só ando no *meu* carro. O autodidacta está, por definição, só. O espectáculo, acidental ou organizado, pressupõe a interpelação social.

Nesta «arrumação», dir-se-ia então, que o *recreio* vive *de e para e com* a cidade e que o *entretenimento*, em maior ou menor grau, nos isola dela, na ilusão da auto-suficiência ou da auto-satisfação («agora, posso “construir” a minha *play-list* sozinho...»).

A noção de *espectador*, aquele que *assiste* ao que outros produzem ou propõem (actores, realizadores, jornalistas, músicos, dançarinos, cantores, jogadores) pressupõe o *envolvimento* que a presença do(s) outro(s) também constitui.

Um espectador, praticamente, nunca está só; está acompanhado (vê «ao mesmo tempo») e pode comentar, corrigir, ser corrigido, formular opinião, receber ecos, respostas, aumentar a dimensão das dúvidas, crescer em capacidade crítica ou maravilhar-se com os outros.